

CRIA DO NEIM: O BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE APRESENTADO POR DISCENTES

Darlane Silva Vieira Andrade¹
Manoel de Melo e Castro²

RESUMO

Este artigo apresenta o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD), o primeiro curso com este tema no Brasil e que foi idealizado pelo NEIM, com proposta de formar profissionais para atuação sob uma perspectiva de gênero e diversidade, fundamentado nas teorias feministas. A pesquisa tem caráter exploratório e objetivou analisar práxis feministas na Universidade Federal da Bahia, a partir do BEGD, e aqui traremos resultados de dados construídos por meio de questionários aplicados a 52 estudantes: a caracterização do perfil, motivação para escolha do curso, atividades realizadas, opiniões e expectativas para a atuação profissional. Os resultados apontam um perfil de mulheres negras, adultas, cisheterossexuais, mães solo, vivendo em territórios periféricos de Salvador. As escolhas pelo BEGD estavam relacionadas a interesse pelos temas, militância e busca de atuação nas políticas públicas e na pesquisa. Estes também estão relacionados ao papel profissional e às expectativas para a atuação.

Palavras-chave: estudos de gênero; práxis feministas; BEGD; NEIM

ABSTRACT

This article presents the Bachelor's Degree in Gender and Diversity Studies (BEGD), the first course with this theme in Brazil, which was conceived by NEIM with the aim of training professionals to work from a gender and diversity perspective, based on feminist theories. The research was exploratory and aimed to analyze feminist praxis at the Federal University of Bahia, based on the BEGD, and here we will present the results of data constructed through questionnaires applied to 52 students: characterization of their profile, motivation for choosing the course, activities carried out, opinions and expectations for professional practice. The results point to a profile of black, cisheterosexual adult women, solo mothers, living in poor areas of Salvador. The choices for BEGD were related to interest in the themes, activism and the search for action in public policies and research. These are also related to the professional role and expectations for the work.

Key words: gender studies; feminist praxis; BEGD; NEIM

¹ Psicóloga (CRP-03/03187), Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA), Docente no Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo da UFBA; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa CNPq GADNEIM - Gênero, Alteridades e Desigualdades, do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, da UFBA. E-mail: darlane.andrade@ufba.br

² Bacharel em Estudos de Gênero e Diversidade, pela Universidade Federal da Bahia. Foi bolsista PERMANCER-PROAE/UFBA; possui licenciatura em História, atua como orientador social do espaço de Cidadania CIEE Salvador, tem vasta experiência na assistência social, atuou como educador social do CRAS no Centro histórico de Salvador. E-mail: mannocastro47@gmail.com

Apresentação

O projeto feminista para a ciência foi construído a partir da incorporação de ideais do movimento feminista, questionou o positivismo, o androcentrismo e a invisibilidade de mulheres e de outras minorias sociais no fazer científico e como temas de relevância para estudos. A proposta feminista de ciência considera que não há neutralidade na construção do conhecimento, nem esta construção está desprovida do compromisso social, como discutem Sandra Harding (1998), Cecília Sardenberg (2002) e outras autoras. Nesse sentido, propõe a integração da teoria com a prática – a práxis feminista. Esta proposta feminista para a ciência fundamenta a atuação do NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher), dentro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que, desde sua fundação, em 1983, vem promovendo e articulando práxis feminista.

O NEIM foi criado em um contexto de luta feminista no país, marcado desde meados dos anos de 1970 por grande mobilização social e interesse no desenvolvimento de estudos e metodologias em torno da temática da condição das mulheres em nossa sociedade, trazendo a universidade como um espaço privilegiado e necessário para isso. Sua história está alinhada à dos feminismos na Bahia e no Brasil, em especial inicia a trajetória do feminismo acadêmico no estado, segundo Iole Vanin (2010). O NEIM é o mais antigo núcleo feminista do país em funcionamento, que surge vinculado ao Mestrado de Ciências Sociais da UFBA e em 2015 passa à categoria de órgão suplementar da Universidade, de acordo com Apresentação no site³ e texto de Iole Vanin (2010).

Esse Núcleo é responsável, dentre outras atividades, pela oferta de cursos de formação em diferentes modalidades na área dos estudos sobre mulheres, gênero e feminismo. O pioneirismo do NEIM é visto também na idealização e criação dos cursos de Pós-graduação, o PPGNEIM (Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo), iniciado em 2006, e Graduação, o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD), em 2009⁴, embasados nas teorias feministas. Em 2015 foi criado o Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo, como mais uma conquista nesta trajetória.

³ No site www.neim.ufba.br

⁴ O curso foi autorizado através do Processo no 23066.018591/08-14, Parecer no 641/08 de 16.08.2008 que autoriza a criação do Curso Estudos de Gênero e Diversidade.

Idealizado pelo NEIM, o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade é apresentado aqui como uma das crias (como costumamos dizer aqui na Bahia) deste Núcleo, a partir de dados sobre o curso construídos no projeto de pesquisa intitulado “Práxis feministas: experiências no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade”, que foi contemplado em editais do Programa Permanecer⁵, da PROAE (Pró-reitoria de Ações Afirmativas) entre os anos de 2015 e 2017, cujos objetivos e metodologia serão apresentados adiante. Também serão trazidos dados atuais sobre o curso e discente, acessados a partir do site oficial do BEGD⁶.

O Projeto Político Pedagógico do BEGD foi registrado em 2008 e submetido para as instâncias de criação de cursos, pela profa. Dra. Ana Alice Costa, uma das fundadoras do NEIM. Em março de 2009 o curso iniciou suas atividades, lotado dentro do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. O BEGD nasceu para responder a uma demanda em expansão por “profissionais capazes de formular, acompanhar e monitorar projetos e ações de materialização de direitos, imbuídos de uma perspectiva crítica de gênero e diversidade”, considerando o envolvimento de diversas organizações na promoção da igualdade de gênero, combate ao racismo, LGBTfobia, capacitismo e outras desigualdades sociais, como informado no site⁷.

O Projeto Político Pedagógico do curso, destaca que

a partir dos Planos Nacionais de Políticas para Mulheres criou-se uma demanda por um profissional com formação técnica específica, mais sólida e abrangente, para a elaboração, implementação e avaliação de programas, atividades, ações, projetos que envolvam a temática gênero e diversidades (UFBA, 2008, p. 12)

⁵ Programa Permanecer Edital Edição 2015 - Projeto nº 8232 intitulado “Práxis feministas: experiências no bacharelado em estudos de gênero e diversidade”. Neste projeto foram bolsistas Rabelle Silva Damasceno e Manoel de Melo e Castro Neto (estudante do BEGD). O segundo projeto foi contemplado no Edital PROAE 01/2016 - Programa Permanecer - Projeto nº 9999 “Práxis feministas: experiências no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade e atuação profissional”. A estudante do BEGD, Atina Katherine Costa Santiago foi bolsista. Voluntárias também participaram de parte da pesquisa nestes anos.

⁶ www.generoediversidade.ufba.br

⁷ Os dados foram acessados no site oficial do curso, pelo link: http://www.generoediversidade.ufba.br/?page_id=126 em 20 set 23.

A nível mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu como uma das metas do milênio alcançar a igualdade de gênero (PNUD, 2003). No Brasil, a conjuntura também trouxe diversos acordos, criação de Secretarias e Ministério, implantação de leis, como a Lei Maria da Penha (Brasil, 2006) que justificam a formação de profissionais para atuarem na área. O projeto pedagógico do curso atualizado (UFBA, 2023) cita decretos que embasam a inclusão das temáticas das diversidades, tais como educação ambiental, relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, e educação em direitos humanos⁸.

A implantação do BEGD dentro da UFBA aconteceu em uma conjuntura política governamental de investimento e expansão em educação superior. O REUNI, Programa federal de apoio a planos de expansão e reestruturação das Universidades Federais, possibilitou a abertura de novas Universidades Federais e novos cursos, e colaborou para a aprovação do projeto do BEGD na UFBA, na gestão do Reitor Naomar Almeida Filho, dando mais visibilidade às temáticas de gênero e diversidade, que ficavam restritas a grupos e linhas de pesquisa em programas de pós-graduação. Nesse contexto, também foi aprovada uma nova proposta de formação na graduação em formato de ciclos e módulos, dando início aos Bacharelados Interdisciplinares (BI), implantados em 2009 (UFBA, 2008).

Segundo Tatiana Lima (2012, p.86-87) em estudo sobre o currículo do BEGD e suas implicações nas experiências formativas, a aprovação do curso de Gênero e Diversidade na UFBA significa o “reconhecimento e legitimidade dos estudos feministas conquistado pelo NEIM, materializado pela institucionalidade desses estudos na Universidade”. Ela relata que o parecer de aprovação do curso – proposto dentro do Departamento de Ciência Política até que o Instituto do NEIM (INEIM) fosse realidade – foi favorável ao Bacharelado em Gênero e Diversidade, Licenciatura em Gênero e Bacharelados Interdisciplinares em Humanidades com concentração em Estudos de

⁸ A Resolução Nº 01, de 30 de maio de 2012, que estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos; o Decreto Nº 4.281, de 25 de junho de 2002, que regulamenta a Lei Nº 9.795 (27/04/1999), que dispõe sobre a inclusão da educação ambiental em todos os níveis e modalidades de ensino; a Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e obriga as Instituições de Ensino Superior a incluírem nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP Nº 3/2004.

Gênero, por meio do projeto “Universidade Nova: Reestruturação da Arquitetura Acadêmica da UFBA”, em 14 de abril de 2008. O BEGD encontra-se lotado na área III – Ciências Humanas e Sociais, fazendo parte do CPL (Curso de Progressão Linear) e até o momento, a Licenciatura e a área de Concentração no BI não foram implementadas.

No ano de 2007 foi apresentada proposta de criação do Instituto de Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo (INEIM), durante o XIV Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero, e encaminhada para as instâncias da UFBA. O INEIM propõe a concretização da transversalização das discussões de gênero e outras interseccionalidades nos cursos de formação superior, com ofertas de módulos curriculares específicos nos cursos lineares e BI, implementação de cursos sequenciais e oferta de graduação, com a missão de contribuir para “a formação de uma consciência crítica acerca das mulheres e das relações de gênero na sociedade, sedimentando, assim, as bases para a construção da democracia” (Iole VANIN, 2010, p. 87). O projeto do INEIM não se concretizou até o momento, mas consideramos que a existência do BEGD e do Departamento de Gênero são conquistas fruto dessa proposta.

A(o) bacharela(o) (analista) em gênero e diversidade, assumindo os desafios de um contexto em constante transformação, e que ainda carrega a violação de direitos e violências de gênero e interseccionais como marca, pode se inserir em setores diversos, que incorporam ou buscam incorporar a perspectiva de gênero e diversidade, tendo uma aproximação para atuação em organizações governamentais e não governamentais, instituições públicas, privadas e agências de cooperação internacional, considerando a transversalização das questões de gênero e diversidade, numa perspectiva interseccional.

No Projeto Pedagógico do Curso (UFBA, 2023), consta que a formação prevê o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas para a análise de políticas de gênero e diversidade nos setores mencionados, incluindo a formação também para a pesquisa, com proposta de articulação com a Pós-graduação no campo, principalmente o PPGNEIM.

O curso tem uma duração média de 4 anos, com oferta de 50 vagas anuais para o turno noturno. Desde seu início em 2009, ingressaram 1020 estudantes no BEGD, segundo dados do Sistema Colegiado, acessado em 20/09/23. Nesse número se incluem estudantes do SISU (Sistema de seleção unificada), por transferência externa e interna, e portadores/as de diplomas. Também passaram pelo BEGD, diversas/os discentes de

outros cursos da UFBA para cursar disciplinas optativas, principalmente o componente “Introdução aos estudos de gênero”, que é a disciplina mais demandada por outros colegiados desta Universidade. Atualmente conta com um grupo de 11 docentes efetivas e duas temporárias, tendo passado no curso mais 18 profissionais⁹, com formações em áreas diversas como Ciências Sociais, História, Psicologia, Letras, Educação, e outras, garantindo o caráter interdisciplinar do curso.

Das docentes em exercício, sete integram grupos de pesquisa do NEIM¹⁰, e participam ativamente de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, incluindo as comissões editoriais do livro Coleção Bahianas, da *Revista Feminismos*, representam o NEIM em parcerias de projetos internacionais, em secretarias (como atualmente na Secretaria de Política para as Mulheres - SPM, a nível estadual) e organização de eventos, como o tradicional Simpósio de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero (Simpósio do NEIM) que teve 20 edições, sendo a última realizada em 2021 em formato virtual. O prédio do NEIM, localizado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, abriga gabinetes para suas pesquisadoras, salas de aula e é onde funciona a secretaria do colegiado do BEGD, favorecendo ainda mais a integração do curso com este Núcleo.

O colegiado do BEGD ficou lotado no Departamento de Ciência Política até o ano de 2015, como já posto, quando foi criado o Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo da UFBA, o primeiro departamento feminista no país, representando a continuidade do legado de protagonismo do NEIM e suas crias. Nesse mesmo ano, o BEGD foi reconhecido pelo MEC – Ministério da Educação, avaliado com nota 4.

O curso foi criado em uma conjuntura política com governos mais democráticos e populistas, e tem buscado se adaptar a um contexto de conservadorismo crescente que se instalou especialmente após o golpe de 2016, ameaçando os estudos de gênero e inclusive a existência da universidade pública.

Ao longo dos quase quinze anos de existência do BEGD, o cenário brasileiro e internacional sofreu significativas mudanças, com a crescente onda do conservadorismo, mudanças no cenário de

⁹ Os dados sobre docentes foram acessados na aba “Docentes” no site http://www.generoediversidade.ufba.br/?page_id=15 Acesso em 16 set. 23

¹⁰ Atualmente os grupos de pesquisa do NEIM são: GAD NEIM – Gênero, alteridades e desigualdades, GAC NEIM – Gênero, arte e cultura; GCE NEIM – Gênero, ciência e educação; GPPP NEIM – Gênero, poder e políticas públicas.

funcionamento das políticas públicas, crescendo também as violações de direitos. Os desafios trazem para a(o) analista de gênero e diversidade o aumento do compromisso com a atuação profissional neste cenário, e da própria Universidade pública em se manter em movimento para produzir conhecimento comprometido com a realidade posta (UFBA, 2023, p. 11)

O curso está passando por uma reforma curricular há alguns anos para atender as demandas de um contexto em constante mudança, como consta no seu Projeto Pedagógico atualizado no ano de 2023:

As experiências construídas no curso têm mostrado que os fundamentos teóricos e metodológicos pautados nas Teorias Feministas, com base nas Ciências Sociais e utilizando a categoria gênero com ponto de partida para análise das relações sociais – de modo interseccionalizado com as de raça e etnia, classe social, geração, sexualidades, territorialidades, e outras – têm dado suporte à formação para as ações de intervenção e pesquisa, contudo, precisam também ser revistos para atualizar as leituras da realidade social desde olhares mais decolonizadores e promover intervenções mais diversas. (UFBA, 2023, p. 12)

A conjuntura tem demandado olhares mais decoloniais para a compreensão da realidade imposta, e que visa uma educação transformadora, desde bases feministas antirracistas, anticapacitistas, antiLGBTfóbicas, antietaristas, etc. e que considere também as demandas locais. Enquanto a reforma curricular não é concluída, a adaptação tem sido feita nas práticas docentes, na interação com estudantes, na inclusão de temas diversos em componentes optativos e nos projetos de pesquisa e extensão.

Nos anos de realização da pesquisa “Práxis feministas: experiências no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade”, entre 2015 e 2017, poucas turmas haviam concluído o curso, e existiam muitas expectativas para conhecer esta(e) nova(o) profissional formada(o) sob a ótica de uma perspectiva feminista dentro da UFBA e pelo NEIM, afinal, deste Núcleo vem a proposta do curso e a maioria das docentes, além de ser um campo de atividades práticas de pesquisa, extensão e outras para discentes do BEGD. Assim, foi interesse olhar para o BEGD como uma experiência de práxis feminista dentro da UFBA.

A pesquisa teve como objetivo geral discutir sobre práxis feministas¹¹ dentro da Universidade Federal da Bahia, a partir da experiência do Bacharelado em Gênero e Diversidade, analisando a construção do papel da(o) profissional analista de gênero e diversidade. De modo específico, estudou o perfil e opiniões de discentes sobre o curso, motivações para escolha desta graduação, experiências de formação, participação em movimentos sociais e perspectivas para o ingresso no mercado de trabalho. Analisou também discussões suscitadas na 1ª Semana de Gênero e Diversidade (em 2014), em atividades que versaram sobre práticas estágio, pesquisa e extensão, além da prática profissional. Por fim, estudou ações de estágio e atuação profissional de egressas(os) do curso.

Para este texto, trouxemos um recorte do estudo, com apresentação de dados quantitativos construídos no primeiro ano deste (entre 2015 e 2016) a respeito do perfil das(os) estudantes do BEGD, motivações para escolha do curso, atividades exercidas, papel profissional e expectativas para o mercado de trabalho. Isto para apresentar o BEGD como uma experiência de práxis feministas na UFBA, que está diretamente articulada com o NEIM.

O Percorso Metodológico

A pesquisa teve caráter exploratório, com viés quanti e qualitativo. Utilizou questionário impresso e entrevistas semi-estruturadas como instrumentos, somado a material áudio gravado e transcrito de mesas na 1ª Semana de Gênero e Diversidade da UFBA. No primeiro ano da pesquisa, foram aplicados os questionários e realizada transcrição de áudios do evento, e no segundo ano, entrevistamos estudantes e profissionais. Em função do tempo que foi realizado o estudo, este apresenta um recorte da realidade do curso naquele período, visto agora como uma memória construída sobre o BEGD, que colabora para refletirmos sobre o momento presente.

No ano de 2014, foi realizada a 1ª. Semana de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia, cujo tema foi “A profissão, a ética e a política”, e integrou

¹¹ Optamos por utilizar “feministas” no plural, para dar visibilidade ao fato de que o feminismo é plural, tanto em termos da existência de várias correntes teóricas do feminismo acadêmico, como no seu caráter de movimento social.

os Seminários de Estágio e de Monografias. Foram 3 dias (de 2 a 4 de dezembro de 2014) de apresentações orais, exposição de pôsteres e mesas redondas, que resultaram em debates importantes sobre experiências de ensino, pesquisa, extensão, bem como a atuação em estágio com mulheres em situação de violência doméstica e familiar, mulheres em situação de rua, população indígena, dentre outros, incluindo levantamento de dados no campo da educação (a partir de dados censitários sobre o analfabetismo em Salvador) e da diversidade sexual (especificamente sobre assassinatos da população LGBT noticiados em jornais). Devido a relevância do evento, tivemos outras edições nos anos seguintes e a última aconteceu em 2022, na sua 6ª. edição, cujo tema foi “Parem de nos matar: reconstruindo caminhos para gênero e diversidade no Brasil”¹².

Em relação ao instrumento quantitativo, foi utilizado questionário semiestruturado (e impresso) contendo 43 questões que tratavam do perfil das(os) estudantes do BEGD, vida acadêmica e militância, e sobre o curso: escolhas, expectativas, atividades realizadas, papel e futuro profissional. O questionário foi aplicado pessoalmente a estudantes dentro da Universidade, que foram acessados a partir de contato pessoal, e divulgação da pesquisa por e-mails de discentes do curso e pelas redes sociais. Os dados foram computados em Excel e analisados com auxílio do programa estatístico SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*.

As entrevistas semiestruturadas foram feitas com estudantes do BEGD que estavam cursando o componente Estágio Supervisionado em Gênero e Diversidade e também com egressas(os), para conhecer o campo, ações realizadas, metodologias utilizadas e colaborações da formação para atuação no estágio e na profissão. Foram entrevistadas(os) 8 estagiárias(os) e 3 profissionais de gênero e diversidade. As entrevistas foram feitas presencialmente, gravadas em áudio e transcritas.

Para análise dos dados, trabalhamos com categorização das respostas, realizando análise de caráter descritivo a partir da análise de conteúdo (Laurence Bardin, 2016), e aqui vamos apresentar os principais dados da etapa quantitativa, sobre o perfil das(os) estudantes do BEGD e o curso.

¹² O histórico das edições da Semana de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia encontra-se na aba “Semana” no site do curso: http://www.generoediversidade.ufba.br/?post_type=paginas-esq&p=889

Discentes Que Fazem O Begd

Perfil identitário

Participaram do estudo 52 estudantes do BEGD e aqui apresentaremos o perfil identitário destes(as) em relação ao sexo, identidade de gênero, orientação sexual, cor, idade, estado civil e religião. As respostas serão dadas em frequência, analisadas a partir das respostas válidas para cada questão.

A maioria das participantes é do sexo feminino (74,5%) (n=51), e se identificou como pessoas cisgêneras (95,3%), sendo que duas destas indicaram ter “outra identidade” citando “a construir”. (n=43). Em relação à orientação sexual (n=50), a maioria se declarou heterossexual (68%), sendo as demais bissexuais (12%), gays (8%), lésbicas (8%) e 4% declarou não saber.

Com relação à cor (n=51), a maioria declarou ser de cor preta (58,8%), seguido de parda (25,5%) e branca (15,7%). Somando o quantitativo de pretas e pardas, temos 84,3% de pessoas negras, o que representa mudanças no perfil das(os) estudantes das Universidades públicas que por muitos anos eram ocupadas por pessoas brancas (e de classes sociais mais altas). As políticas afirmativas adotadas na UFBA colaboraram muito para o enegrecimento da Universidade, reverberando no perfil de estudantes do BEGD.

Em relação a idade, a mínima foi de 19 anos e a máxima de 60, com média de 36,14 anos. A média de idade reflete a presença de pessoas adultas mais maduras na Universidade. Estudo monográfico sobre o tema realizado por Joselita da Silva Santana (2015), egressa do BEGD, constatou esse perfil. Ela trouxe experiências de 15 mulheres e 5 homens com idades próximas ou acima dos 40 anos, cursando o BEGD, analisadas sob as lentes de gênero e geração. A autora traz dados do perfil de estudantes do curso de 2009 a 2014 (n=243), composto por maioria mulheres (70%) e parte delas com idade acima de 40 anos (23,9%, sendo 7,6% de homens neste perfil geracional também) (Joselita Santana, 2015)¹³. A autora discutiu o enfrentamento do preconceito etário para ingresso e permanência na Universidade, tendo em vista que socialmente, espera-se que mais pessoas jovens (de 18 a 24 anos) ingressem no ensino superior, do que adultas.

Com relação ao estado civil (n= 50), a maioria das participantes se declarou

¹³ Porcentagem apresentada com base nos dados da tabela construída pela autora na página 27.

solteira(o), 60%. As divorciadas somaram 4% e as viúvas, 2%. As pessoas casadas ou que moram juntas somaram 34% das respostas. Boa parte das(os) estudantes têm filhos(as) (52%, ou 26 respostas) (n=50). Destas(es), 38% possuem um filho(a), 12% tem dois filhos(as) e 2% tem quatro filhos(as). Como a maioria se declarou solteira, consideramos que são mães solo.

Com relação à religião (n=51), a maioria (62,7%) possui alguma: católica (31,4%), candomblé (13,7%), espiritismo (13,7%) e religião protestante (3,9%). Outras três religiões foram citadas: budista, messiânica, e “uma mistura”. 37,3% declarou não ter religião.

Até aqui, o perfil mostra que as(os) estudantes do BEGD no período de realização do estudo, eram mulheres (em sua maioria) negras, cisheterossexuais, adultas, solteiras, com filhos e adeptas a uma religião. Este perfil dialoga com o estudado por Joselita Santana (2015), e destacamos como a identificação com orientações sexuais mais flexíveis e com a raça negra foram acontecendo ao longo do curso. A exemplo de entrevista de Dagmário Jesus, quando aponta que a orientação sexual pode mudar ao longo da vida, que não é fixa, e da própria autora que destaca seu reconhecimento como uma mulher negra:

Hoje, tenho consciência que sou uma mulher negra, e por isso, ou justamente por isso, tenho nome e sobrenome, me afirmo com a identidade de mulher negra. Antes dessa auto-afirmação, achava-me parda, já que minha certidão de nascimento colocaram-me como parda, que só depois descobrir, ou melhor, entendi que não era a cor da mestiçagem, e sim do fenômeno de embranquecimento” (Joselita SANTANA, 2015, p. 58)

Sobre origem e moradia

A maioria das(os) discentes nasceu em Salvador: 64,3% (n= 42). Outros locais de nascimento foram: capitais de outros estados (16,7%), tais como Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, seguido de cidades do interior da Bahia (11,9%): Jequié, Jeremoabo, Itabuna, Mairi e Serrinha. 7,1% informou ser natural do interior de outro estado (Paraguaçu Paulista, Santana do Ipanema – AL).

As(os) estudantes majoritariamente residem em Salvador (98%) (n=51). Estas(es) informaram que moravam em bairros periféricos (54,7%) como Caminho de Areia, Cajazeiras, Engenho Velho de Brotas e outros citados. A outra porcentagem

residia em bairros considerados de classe média e alta (45,3%) como Barra, Federação e Rio Vermelho. Todos os bairros citados dispõem de ruas com pavimentação (92,3%) (n=52) e água encanada (92,3%) (n=48).

Em relação ao tipo de moradia (n=51), 54,9% informou que residia em casas, 43,1% em apartamentos, e outro tipo de moradia (2,0%). As(os) discentes mencionaram a residência universitária (1 resposta) e vilage (1 resposta) como outros locais de moradia. Para a maioria, a moradia é própria (75,5%), 18,4% mora de aluguel e 6,1% reside em moradia de terceiros ou familiares (n=49).

A moradia é principalmente compartilhada com familiares: 55,8% (destes, 30,8% reside com sua família de origem, ou seja, pais e/ou parentes de primeiro grau; 15,4% reside com família monoparental, ou seja, com um dos pais; e 9,6% reside com família extensa como avós, tias(os), e outros familiares). Outra parte reside com família constituída (17,3% reside com companheira(o) e filhas(os); 11,5% vive com companheira(o) sem filhos). 7,7% residem sozinhas(os) e 3,8% mora com amigas(os) ou colegas. Para a questão sobre com quem reside, tivemos o número de respostas n=52.

Salvador é uma das maiores cidades do país, com 2.418.005 milhões de habitantes, segundo censo de 2022 (IBGE, 2023). A capital baiana abriga a maior parte das(os) estudantes participantes desta pesquisa em bairros periféricos, e estes precisam se deslocar para a Universidade, localizada em zonas mais centrais da cidade. Estas(es) estudantes, maioria mulheres negras e periféricas, expressam o perfil da população dessa cidade que é marcada por desigualdades sociais. Salvador é uma cidade de mulheres negras, como discute Antônia Garcia (2009) ao estudar aspectos raciais, de classe e gênero nesse território.

A composição geográfica e social dos seus bairros demarca estes aspectos quando os mais próximos à orla e os do “miolo” da cidade são onde residem pessoas com rendas maiores e de peles mais claras; e os periféricos, mais empobrecidos e onde estão as pessoas negras. Nos bairros mais periféricos, a tendência das pessoas é residir em casas compartilhadas, como expressou o perfil das(os) participantes deste estudo.

Escolaridade, trabalho e renda

Para conhecer sobre aspectos socioeconômicos, observamos a escolaridade, o trabalho e a renda, e foi perguntado sobre estes elementos em relação às(os) estudantes e

provedoras(es) da casa onde residem.

Sobre escolaridade, observamos que as(os) estudantes do BEGD em sua maioria estavam cursando a primeira graduação: 64% não possuía outra graduação, tendo como contraponto, 36% das(os) estudantes com nível superior completo (n=50).

As graduações mencionadas pelas(os) estudantes já formadas(os) (n=20) foram categorizadas como pertencendo a área III¹⁴: Ciências Humanas e Sociais. Os cursos mencionados nessa área foram Pedagogia (25%), Comunicação (10%), que inclui Jornalismo; Secretariado (5%), Administração (5%), Direito (5%), Ciências Sociais (5%). O curso de Cinema (5%) foi mencionado, e o de Letras (15%) – este na área IV de acordo com a classificação da UFBA. O curso da área BI de Humanidades (5%) também foi citado. Outros cursos foram: Recursos Humanos (5%), Relações públicas (10%) e Teologia (1%).

Sobre a escolaridade da(o) principal provedor da casa (n=51), obtivemos as seguintes respostas: a maioria (68,6%), possui ensino superior concluído ou em curso, com continuidade dos estudos a nível de pós-graduação, visto pelo somatório das seguintes porcentagens de respostas: Ensino superior completo ou em curso (45,1%), Especialização completa ou em curso (7,8%), Mestrado completo ou em curso (9,8%) e Doutorado completo ou em curso (5,9%). A outra parte das(os) estudantes (31,4%), tinha provedor da casa com menor escolaridade: Ensino médio em curso ou concluído (19,6%) e Ensino fundamental em curso ou concluído (11,8%).

No que tange a ocupação (n=49), o grupo pesquisado tem maioria que exercia alguma atividade remunerada: 60,2% das pessoas exerciam ocupações categorizadas como: Profissões das ciências e das artes, como profissional da área da saúde, docente, advocacia, gastronomia, artista, etc. (14,1%); Membros superiores do poder público e gerências, como gerência em cargos governamentais e não governamentais (14,1%); Trabalhadoras(es) de serviços de venda como vendedoras(es) de comércio, lojas e mercados (14%); Trabalhadoras(es) de serviços administrativos, como secretárias, assistentes em lojas, etc. (12%); Técnicas(os) de nível médio (4%); Membros(as) das

¹⁴ Utilizamos o parâmetro de classificação de área feito pela UFBA. Os dados sobre as áreas dos cursos foram acessados em <https://www.ufba.br/cursos>

forças armadas, policiais, bombeiros e militares (2%)¹⁵. Outro grupo exercia ocupação de estudante (26,5%) exclusivamente, e 10,2% afirmou que estava desempregada(o).

Agregando as categorias acima, as pessoas que trabalham, o fazem em ocupações que não exigem alta escolaridade (32%, somadas as categorias de trabalhos nos serviços de venda, administrativos, técnicos e militares), e que por isso costumam ter salários menores. As demais exigem maior escolaridade (28,2% é a porcentagem de ocupação nas profissões das ciências e das artes, e nas de gerência), com melhor remuneração. E a outra parte das pessoas que estudam e não trabalham (36,7%), dependem de auxílio de terceiros para se manter na universidade, o que veremos melhor no item “renda”, investigado.

No geral, as(os) estudantes participantes da pesquisa tem renda baixa ou média. Quando perguntamos sobre a renda individual (n=50), tivemos 26% de respostas informando que não tem renda, 26% recebem até um salário mínimo (SM), 24% recebem de dois a três SM (ou até R\$2.364,00), 16% recebem quatro SM (R\$ 3153,00) e 8% acima de quatro salários. Seguindo parâmetros do Critério Brasil (ABAP, 2014)¹⁶ para classe social, baseado na PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), de 2014, a maioria estaria na Classe D-E (com renda até 1 Salário Mínimo), seguido de C, considerada a “nova classe média”, com renda variando de R\$1625,00 a R\$2.705,00 e B, considerado como sendo as com renda entre R\$ 4.852 e R\$ 9.254.

Perguntamos se as pessoas recebiam algum tipo de auxílio do governo (como bolsa família, BPC, pensão ou outros), e destas, cinco pessoas afirmaram que recebem algum tipo de auxílio, e três possuíam assistência estudantil (n=47).

Sobre a(o) principal provedor(a) da casa (n=52), a maioria tem o lar provido por um(a) familiar (44,2%), 34,6% mantém o lar sozinha(o), 15,4% o lar é provido por cônjuge e as demais por outras pessoas (5,8%). Das pessoas que informaram ter um(a) familiar como principal provedor(a) do lar, 23,1% tem familiar mulher ocupando essa função, 19,2% tem familiar homem como provedor e 1,9% tem ambos (homem e mulher)

¹⁵ Esta categorização foi feita com base nos critérios da “Classificação Brasileira de Ocupações”. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/informacoes_Gerais.jsf#6>. Acesso em: 20 ago. 2011

¹⁶ Para definir Classe social, o parâmetro adotado pelo Critério Brasil inclui também escolaridade, quantidade de itens de consumo listados no documento e informação sobre local de moradia (sobre fornecimento de água e saneamento). Estes foram incluídos no questionário, porém, optamos por não trazer a análise de todos neste texto.

como provedoras(es). Para aqueles(as) cujo lar é provido cônjuge, este era por ambos (9,6%) e 5,8% declarou que um dos cônjuges era o principal provedor.

Os dados sobre o perfil mostram uma realidade baiana de estudantes em sua maioria soteropolitanas, mulheres negras, adultas, cisheterossexuais, mães solo, tem religião, vivem parte nas periferias, e parte em bairros mais centrais de Salvador, trabalham e estudam ao mesmo tempo, tem uma renda baixa, recebem apoio de familiares e cônjuges para proverem o lar e muitas delas são as principais responsáveis pelo sustento. Também reflete uma realidade que vem se constituindo a partir da oferta de maior oportunidade de acesso à Universidade para quem trabalha, sobretudo para as mulheres negras nestas condições. Ao mesmo tempo gera um desafio para conciliar as demandas exigidas no exercício dessas funções, mais ainda para as mulheres que somam as atividades de estudo e trabalho com as do exercício dos cuidados domésticos, tendo em vista que na nossa sociedade estas tarefas ainda não são compartilhadas como se esperava.

O Begd Apresentado Por Discentes

Sobre o curso e atividades práticas

O currículo do BEGD adota abordagem metodológica pautada nas pedagogias feministas, que, segundo Cecília Sardenberg (2008, p.22) “se voltam para a interação ensino/aprendizado com base nos valores e princípios feministas, objetivando erradicar o sexismo, a discriminação, a exploração e opressão sexual e, em suma, a ordem de gênero patriarcal”. Nesse sentido, os componentes curriculares foram planejados para abarcar perspectivas teóricas e metodológicas que utilizem os feminismos como base, a perspectiva de gênero e categorias como raça, classe social, sexualidades, geração, para citar as que tem sido mais trabalhadas na formação.

O curso tem como viés a análise e intervenção em políticas públicas, e pesquisa. Assim, oferta componentes que vão apresentar a organização política do Brasil e fundamentos da estruturação das políticas públicas no país, e os que darão suporte para a realização de pesquisas. O campo da linguagem e comunicação também é uma área da formação, importante para compreensão das construções simbólicas e tecnologias de

gênero que operam na cultura¹⁷.

A formação prevê um total de 2624 horas de atividades¹⁸, divididas entre componentes obrigatórios, optativos, estágio supervisionado obrigatório, trabalho monográfico de conclusão de curso e atividades complementares, prevendo um tempo médio de duração de 8 semestres. Neste tópico, apresentaremos a indicação do semestre cursado, e atividades de estágio, pesquisa, extensão e militância, que reportam a aprendizagem para a prática de atuação com políticas públicas em intervenções e na investigação científica.

As(os) estudantes que participaram da pesquisa estavam em diferentes estágios do curso: no primeiro ano (1º e 2º semestres) (36%), seguido de acima do 4º ano (30%), que inclui pessoas do 7º ao 12º. Semestre. As demais estavam no segundo ano do curso (22%) e no terceiro ano (12%) (n=50).

Na ocasião da aplicação do questionário, poucas pessoas estavam realizando estágio (curricular ou não obrigatório) (28,6%) (n=49). Os campos de estágio mencionados por elas incluíam instituições públicas e organizações não governamentais: Ministério Público da Bahia, Defensoria Pública do Estado da Bahia, Secretaria de Política Públicas para as Mulheres, com ação no Centro de Referência Loreta Valadares, ONG Humana Brasil, Mar Sol (Maricultura Familiar Solidária, que envolveu atividades de extensão desenvolvidas em comunidades costeiras tradicionais), no NEIM e na Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

O estágio obrigatório é previsto que aconteça no curso a partir do 6º. semestre e é realizado por três semestres consecutivos. O estágio não obrigatório pode ser realizado a qualquer momento do curso e geralmente é remunerado. As atividades de estágio acontecem em instituições diversas e dentro da Universidade, em projetos de pesquisa e extensão. O estágio possibilita a imersão no campo com objetivo de “desenvolver competências para propor, gerir, executar e monitorar políticas públicas de desenvolvimento e na defesa da equidade de sexo/gênero, cor/raça-etnia, orientação sexual/sexualidade e idade/geração”, como consta no seu Regimento (no Art.4º). e tem

¹⁷ Para conhecer o fluxograma e mais informações sobre o curso, acesse a aba “Bacharelado” no site do curso: http://www.generoediversidade.ufba.br/?page_id=126

¹⁸ Até o ano de 2022, a carga horária total do curso era de 2920 horas, considerando que o semestre letivo tinha 17 semanas e os componentes, 68 horas ou equivalentes. Em 2023 o cronograma da UFBA passa a ter 15 semanas e a carga horária dos componentes, 60 ou equivalentes.

sido um meio para que instituições em Salvador conheçam o BEGD e as possibilidades de atuação desta(e) nova(o) profissional, fazendo assim, uma ponte também para abertura de campo de trabalho.

Ao longo destes 15 anos de existência do curso¹⁹, observamos os ganhos da presença de estagiárias(os) em diversas instituições, refletindo na abertura de vagas para estudantes e analistas de gênero e diversidade, em cargos com este nome ou similares. Atualmente, por exemplo, temos egressas atuando na Defensoria Pública, na Secretaria de Política Públicas para as Mulheres e no Ministério Público da Bahia.

Sobre a participação em atividades de pesquisa, 34% tinham experiência com iniciação científica (n=50). As áreas temáticas das pesquisas listadas foram: Educação, Artes, Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade, Opinião Pública, Política e eleições, História do feminismo na Bahia, e Moral religiosa. Consideramos que a formação para a pesquisa e participação em projetos de iniciação científica colaborou para a busca da continuidade dos estudos em programas de pós-graduação no PPGNEIM e outros na Bahia e em diferentes estados, como fizeram egressas do curso.

Em relação às atividades de extensão, 19,6% indicaram participar de atividade desta modalidade na graduação (n=51). As áreas temáticas dessas atividades listadas foram: Alfabetização e formação de professores; Área de Biologia; Comunidades tradicionais; Cinema e Artes; Educação; Empoderamento de mulheres quilombolas; Gênero, Raça e Escola; Mediação; Movimento social; Mulher e militarismo; Eventos científicos realizados pelo Neim e por outros grupos.

No que se refere ao engajamento em movimento social, 26% das(os) estudantes participavam de algum movimento social (n=50). Os citados foram: Coletivo de Juventude e Diversidade Sexual e de Gênero; Esquerda Unida Feminista; Ginga; LGBT; Movimento Estudantil; Coletivo Kiu!; Movimento Sem Teto; Movimento em comunidade Quilombola; Movimento Feminista; Movimento Negro; Redes de Mulheres Negras da Bahia; e também mencionaram atuação em Sindicatos.

Os campos e temas citados nas atividades mais práticas do curso – estágio, pesquisa e extensão – abarcam a diversidade que a formação propõe, colaborando para a

¹⁹ O BEGD completou 15 anos em março de 2024, com evento comemorativo que pode ser acessado no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=u4YTj9b6iWc&t=1498s>

construção de ferramentas para atuação com análise em políticas públicas e pesquisas que busquem responder às demandas sociais mais urgentes. Os temas e foco dos movimentos sociais listados contemplam a proposta feminista interseccional, trazendo pautas importantes que vão colaborar com a formação e engajamento em torno da luta por direitos, para, assim, construir uma(um) profissional comprometida(o) com a transformação social.

Consideramos, contudo, que a adesão a atividades mais práticas do curso não foi mais alta devido ao perfil do curso com funcionamento no turno da noite, e também pelo perfil discente que lida com o desafio de conciliar atividades de estudo com trabalho e cuidados com filhas(os). Estas dificuldades foram identificadas também no estudo de Joselita Santana (2015) sobre o curso, que aponta a falta de estrutura na universidade para melhor atender as(os) estudantes nos cursos noturnos como acesso à biblioteca, xerox, a falta de segurança devido a assaltos que já ocorreram e importunação sexual.

Para enfrentar as dificuldades no que tange às atividades do curso, o colegiado do BEGD tem buscado parcerias de instituições que têm horários mais flexíveis para realização de estágio, além de atividades de pesquisa e extensão na UFBA que aconteçam à noite, viabilizando a participação discente. Um exemplo de iniciativa foi o projeto “Ponto Gênero” desenvolvido por docentes do BEGD cujo objetivo era analisar a presença da discussão de gênero em projetos de Extensão na Universidade, oferecendo uma orientação para a inclusão dessa perspectiva ou sua melhora, quando já existia. Destacamos também a Semana de Gênero e Diversidade da UFBA, que proporciona atuação de estudantes nas etapas de organização do evento, além de ser uma atividade complementar importante para o curso. Muitas ações de extensão foram propostas e coordenadas por docentes do BEGD sobre temas diversos como educação, formação em gênero, migração, gênero e sexualidade, modativismo e outros.

Em relação às dificuldades estruturais, docentes e discentes do BEGD tem participado de campanhas e ações na Universidade, para buscar melhorias, a exemplo do “apitaco” que foi promovido em um momento do curso para denunciar importunação sexual e insegurança no ponto de ônibus.

O que faz a(o) profissional de gênero e diversidade?

Para responder à pergunta, incluímos duas questões sobre o papel profissional e a importância deste. Quando se perguntou, “O que faz o profissional de gênero e diversidade?”, a maioria considera que é um profissional que atua como analista e construtor de políticas públicas (40,4%), incluindo nesta categoria a análise das desigualdades sociais. Outra categoria se refere às ações deste profissional e aos locais de trabalho: atua com intervenções como capacitações, e gestão, incluindo gestão de projetos (15,8%); atua para promover a igualdade de gênero, raça, LGBT* e transversaliza a discussão (14%); atua como pesquisadora(or) (8,8%); trabalha em setores públicos, privados e ONGs (7%); faz ações políticas (1,8%). As demais respostas foram vagas ou incertas (não sabe o que o profissional de gênero faz) (12,3%) (n=57). As seguintes respostas ilustram a categorização feita:

Um profissional de gênero e diversidade vai ser de certa forma um consultor(a), uma analista de políticas públicas e ações, tentando promover a equidade de gênero.

O profissional de gênero busca projetos e políticas públicas para diminuir as desigualdades existentes na sociedade (raça, gênero, orientação sexual)

A importância do(a) profissional de gênero e diversidade está vinculada a sua atuação, acrescido da inclusão do engajamento na militância. As respostas à questão “Qual é a importância do profissional de gênero e diversidade?”, primeiro apontaram para a promoção da igualdade de gênero (44,2%), que incluiu respostas relacionadas à promoção de direitos e combate às violências. Em seguida, atuar para realizar análise social (25%), ter conhecimento sobre relações sociais, de gênero e diversidade (9,6%), atuar de modo específico e em locais específicos (7,7%), incluindo mediação, avaliação, construção de projetos e atuação nos três poderes. A importância também se deu para realizar pesquisa (5,8%) e fazer militância (3,8%). As respostas que indicaram uma atuação indefinida e as respostas vagas somaram 3,8% (n=52).

A atuação e importância deste novo(a) profissional tem respostas alinhadas e refletem a proposta pedagógica do curso na busca de formar profissionais capazes de atuar com análise de políticas públicas visando a igualdade de gênero e diversidade – de

raça, classe, orientação sexual, etc. – em setores públicos, privados, também realizando pesquisas e articulando teoria e prática, que engloba a militância como projeto feminista para a ciência.

Onde atua o(a) profissional de gênero e diversidade?

Quando perguntado “Para você, quais as possibilidades de inserção profissional da(o) bacharela(el) em gênero e diversidade?”, as respostas apontaram para atuação em espaços específicos: Instituições Públicas (21,4%); Instituições Privadas (18,6%); ONG’s (10%); Secretarias e Conselhos (8,6%); Academia (7,1%); e Partidos Políticos (1,4%). Também consideram que esses profissionais podem estar inseridos em qualquer área (21,4%), sem especificações; e em áreas específicas como na Saúde, na Educação, na área da Justiça e em setores de Recursos Humanos (7,1%). Outras respostas afirmam que o profissional pode trabalhar com projetos (2,9%), mas sem definir uma área/campo. Uma pequena parte das respostas afirma que não há área de atuação – cerca de 1,5% (n=70).

Os campos de atuação mencionados pelas(os) estudantes também estão previstos no Projeto Pedagógico do curso, ampliando para atuação em campos já consolidados como saúde, educação, justiça, ou até mesmo nos partidos políticos. Consideramos que nestes espaços pode-se prestar assessoria para promover atuações que visem igualdade de gênero e suas interseccionalidades.

Motivações e expectativas para a atuação profissional

As motivações que levaram as(os) participantes a cursar o Bacharelado em Gênero e Diversidade foram categorizadas como (n=61): Identificação com o tema (49,2%), que inclui interesse, satisfação pessoal e contato com o tema; Militância (19,7%); Busca por Conhecimento (13,1%), que abarca interesse em pesquisa; Viabilidade (9,8%), tais como a grade curricular ser mais parecida com outro curso de interesse, o turno do curso e o número de vagas; Curiosidade (3,3%); Por já atuar na área (1,6%) e uma parte deu respostas vagas (3,3%). Algumas respostas exemplificam o conteúdo das categorias:

Gosto da ideia de lutar pelo social, contra o preconceito, dentre outros.

Interesse pela temática, necessidade de aprendizado, formação acadêmica e contribuir de alguma forma para transformação social.

Porque tenho interesse em estudar as diferentes formas de gênero e sexualidade, além das teorias feministas.

O tema – ou as várias temáticas do curso – é um atrativo para a escolha do BEGD, que traz como foco as principais lutas feministas de combate às desigualdades sociais, e reflete a proposta feminista para a ciência: que busque a transformação social. No interesse aparece a militância, e consideramos que, apesar de não termos um número tão expressivo de pessoas engajadas em movimentos sociais que participaram deste estudo, ainda assim, este é um elemento importante buscado na formação.

Perguntamos sobre as expectativas em relação ao curso e à atuação profissional. Em relação ao curso, as respostas (n=47) foram categorizadas em três blocos: o primeiro (que soma 61,6% das respostas), traz expectativas relacionadas ao interesse pelos temas do curso e maior qualificação para ingressar no mercado de trabalho. Esta porcentagem é dividida em: Interesse pelo tema (40,4%), Interesse por profissionalização e busca de conhecimento (19,1%), Oportunidade de Trabalho (2,1%). O segundo bloco de respostas (que soma 14,9%) mostra que há uma expectativa que o curso seja uma ponte para realização de outra graduação ou um meio para ter uma formação superior, mas sem necessariamente buscar atuar na área: Ter uma formação superior (8,5%); Complementar a formação e ingressar em outro curso (6,4%). O terceiro bloco de respostas (com 12,8% das respostas), reflete o caráter de busca coletiva e individual pelo curso: Militância (8,5%) e Autoconhecimento (4,3%). Os demais não tem expectativas (2,1%) e deram respostas vagas (8,5%).

As expectativas das(os) estudantes do BEGD em relação à atuação profissional teve respostas (n=57) agrupadas da seguinte forma: O primeiro grupo destacou interesse em atuar na área (49,1%), indicando as seguintes áreas: Academia (22,8%); Atuar na área de gênero e diversidade (14%); Movimentos sociais e com militância (12,3%). O segundo grupo de categorias traz a atuação em Instituições específicas (31,6%), e destas, teve destaque a atuação em Instituições públicas (19,3%), seguida de Instituições privadas (7%), ONG (3,5%) e em Instituição religiosa (1,8%). O terceiro traz respostas que indicam que não tem uma expectativa específica (19,3%): Indefinida (10,5%), realizou o curso para complementar a formação (5,3%) e pouca expectativa (3,5%).

Algumas frases retratam as respostas à questão, e uma delas reporta à expectativa de atuar na educação, na expectativa de haver uma licenciatura na área.

Atuar em instituições públicas, progredir na carreira acadêmica, seguindo esta mesma vertente na área de pesquisa e atuar na área de educação.

Espero que a licenciatura se torne realidade, por enquanto após formada atuar nas diversas frentes (ONG'S, governo, empresa privada).

Pretendo continuar os estudos no mestrado, pós e doutorado.

As questões relacionadas ao fazer profissional, a sua importância e os locais de atuação tiveram respostas alinhadas que consideram que a(o) bacharela(el) em gênero e diversidade analisa políticas públicas, as desigualdades sociais, realiza pesquisa e atua para promover igualdade de gênero, raça, etc. A importância da(o) profissional está vinculada a sua atuação para promoção da igualdade de gênero, conhecimento sobre a dinâmica das relações sociais de gênero e diversidade, e pelo seu engajamento na militância e movimentos sociais. A atuação se dá principalmente no setor público, nas políticas públicas, em secretarias e conselhos, também em instituições privadas e ONG's. Apesar de não prever a atuação em instituição religiosa, considerando que o estado é laico e a formação também, este local apareceu nas respostas.

O motivo pela escolha do curso e expectativas em relação a este foram semelhantes. O curso foi escolhido pelas estudantes principalmente por identificação ou contato prévio com o tema, pela militância, busca de conhecimento e pelas condições oferecidas que viabilizam o ingresso no ensino superior – e para alguns, cursar uma segunda graduação. Ao ingressar no curso, as expectativas também se apresentam pelo interesse em relação aos seus temas, pela qualificação para o trabalho, para complementar a formação, pela militância e a expectativa nova foi a busca de autoconhecimento.

Dialogando com os dados do estudo de Joselita Santana (2015, p. 127-128), as expectativas das(os) estudantes reafirma o interesse pessoal, e vontade de atuar na área para promover mudança social.

No contexto apresentado, todas/os esperam a realização pessoal e quem sabe a possibilidade da continuação dos estudos com novas graduações, a expectativa de trabalharem na profissão de analista de gênero ou mesmo levarem o conhecimento adquirido para outras pessoas, na

perspectiva de mudança social no que se refere a equidade, igualdade e oportunidade para todas e todos, na construção de uma sociedade mais justa, respeitando nossa diversidade. Entretanto, existem as/os que não vislumbram possibilidades futuras com a graduação, mais acreditar nas possibilidades e nas realizações que o curso se propõe e oferece é o desejo de todas/os, mesmo porque o curso é novo, e por esse motivo temos que lutar para que a profissão possa ser consolidada, compreendida, valorizada e acima de tudo respeitada.

O desejo que a profissão possa ser consolidada reafirma a continuidade da luta política dos grupos feministas, em um curso politicamente engajado e comprometido com as mudanças sociais. O curso revela a intenção ousada e politicamente engajada de materializar o currículo como território de disputa e luta para a promoção da igualdade frente às assimetrias de gênero, raça, classe social, geração, orientação sexual, como discute Tatiana Lima (2012). Compreendemos que o BEGD atende a proposta inicial construída pelo NEIM para a formação, que se quer engajada e vise atuação para intervenção social e pesquisa nesta busca de pôr fim às inequidades sociais.

Considerações Finais

Ao longo da realização desta pesquisa, fomos provocadas(os) a refletir sobre o nosso lugar e nossas angústias no processo de construção dos dados desde dentro, diretamente ligados à nossa vivência no BEGD, como discente e docente. Tivemos que lidar com as expectativas de dar respostas para a definição sobre fazeres e atuação profissional, bem como para apontar como enfrentar as incertezas do mercado de trabalho em um contexto de avanço do conservadorismo. No processo, contudo, parte das angústias se dissipou porque as(os) próprias(os) estudantes, ao olharem para si e para o curso no momento de participação na pesquisa, foram construindo respostas que mostraram que o curso tem uma cara, um propósito e uma função social.

O BEGD agrega a diversidade das pessoas, mas tem uma tendência de ser composto por mulheres negras, adultas, cisheterossexuais, mães solo, que trabalham, e se deslocam de áreas periféricas para a UFBA, que compartilham a moradia e que escolheram o curso por interesse pessoal, por se identificarem com o tema, e buscam atuar na área, especialmente em instituições públicas realizando intervenções para colaborar

com o fim das desigualdades sociais. Parte das pessoas tem outra graduação, busca continuar os estudos, seguir carreira acadêmica e também atuar na militância.

Por ser um curso noturno e pelas suas características em termos de currículo, o BEGD ofereceu oportunidade para que essas(es) alunas(os) ingressassem no ensino superior ou realizassem uma segunda graduação, mas enfrenta o desafio pelas mesmas características e pelo perfil das(os) estudantes na oferta de atividades mais práticas, que geralmente acontecem em turno oposto. Apesar disso, essas atividades tem sido feitas em campos e instituições que colaboram para atuar com temas caros à formação e aos feminismos, colaborando para o fim das desigualdades de gênero, raça, classe, que combatam a LGBTfobia, o capacitismo, o etarismo, e outras violências.

Destacamos a presença da militância no curso em diversos momentos da pesquisa: na escolha pelo BEGD, no engajamento declarado de estudantes em movimentos sociais, nas opiniões sobre o que faz a(o) analista de gênero e sua importância, e nas expectativas para atuação profissional. Compreendemos que a militância é parte da formação e a própria existência do BEGD se configura como uma militância acadêmica dentro da universidade, afirmada pelo seu histórico de existência a partir da proposta do NEIM para colaborar com o projeto emancipatório das mulheres e toda a população oprimida em função do gênero, da raça, da idade/geração, da orientação sexual, das suas capacidades, dos seus territórios, e outras.

A proposta feminista para a ciência também vai para as ruas, nos movimentos sociais mencionados pelas estudantes. E a rua, as mobilizações, as ações em prol de justiça social também entram e precisam permanecer na academia, como forma de (re)existir nesse país ainda assolado por desigualdades sociais marcantes. O BEGD vem fazendo práxis feministas na UFBA, como cria do NEIM, e enfrentando coletivamente os desafios para ter visibilidade, se manter e (re)construir um currículo atento às mudanças sociais e demandas das(os) discentes.

Esperamos que esta pesquisa inspire outros estudos sobre o BEGD, que possa colaborar para o processo de reforma curricular, e que o NEIM e suas crias continuem sua bela trajetória de conquistas.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISAS – ABAP. **Critério Brasil** – 2014. Disponível em <https://www.abep.org/criterio-brasil> Acesso em 10 jun 2015

BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE. Disponível em <http://www.generoediversidade.ufba.br/> acesso em 20 set 23

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016

BRASIL. LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006 – **Lei Maria da Penha**. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acesso em 10 set 23

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. Disponível em: http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/informacoes_Gerais.jsf#6. Acesso em: 20 ago. 2011

GARCIA, Antonia. **Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade d’Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009

HARDING, Sandra. Existe un método feminista? Em: BARTRA, Eli (org) **Debates em torno a uma metodología feminista**, México, D.F.: UNAM, 1998, pp.: 09-34

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Salvador**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/panorama> Acesso em 15 set 23

LIMA, Tatiane de Lucena. Currículo, gênero e formação: uma compreensão densa dos atos de currículo do curso de Bacharelado em Gênero e Diversidade da UFBA e suas implicações nas experiências formativas/Tatiane de Lucena Lima. – Salvador: T. L. Lima, 2012. **Tese** (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2012.

NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER. **Apresentação** Disponível em <http://www.neim.ufba.br/wp/> Acesso em 15 set 23

PNUD. **As metas de desenvolvimento do milênio**. ONU, 2003 Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/metlas_desenvolvimento_milenio.pdf Acesso em 15 out 23

SANTANA, Joselita da Silva. “EU e ELAS na ACADEMIA”: o ingresso e permanência das mulheres após os quarenta anos no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade na Universidade Federal da Bahia - UFBA (2009-2014). **Monografia**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2015



SARDENBERG, Cecília. Considerações introdutórias às pedagogias feministas. Em: COSTA, Ana Alice; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (org). **Ensino e gênero: perspectivas transversais**. Salvador, NEIM/UFBA, 2008

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? Em: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. (org) **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. 320p. - (Coleção Bahianas; 8)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Projeto pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares**. Disponível em https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/implant_reuni.pdf Acesso em 20 set 23

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Cursos**. Disponível em <https://www.ufba.br/cursos> Acesso em 20 out 23

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Projeto político-pedagógico do curso de graduação bacharelado em estudos de gênero e diversidade**. Salvador: UFBA, 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Projeto pedagógico do curso de graduação bacharelado em estudos de gênero e diversidade**. Salvador: UFBA, 2023 Disponível em https://www.generoediversidade.ufba.br/wp-content/uploads/2013/01/PPC-G%C3%AAnero-e-Diversidade_2023.pdf Acesso em 15 set 23

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Regimento do estágio supervisionado do bacharelado em estudos de gênero e diversidade da Universidade Federal da Bahia**. Salvador: UFBA, s/d. Disponível em http://www.generoediversidade.ufba.br/?page_id=589 Acesso em 10 out 23

VANIN, Iole Macedo. O Instituto de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo/INEIM na Universidade Federal da Bahia. Um relato das possibilidades de experiências transversais de gênero no ensino superior. Em: Alves, Ivíia; Scheffler, Maria de Lourdes; Vazquez, Petilda; Aquino, Silvia (org.) **Travessias de gênero na perspectiva feminista**. Coleção Bahianas vol. 12 Salvador: EDUFBA, 2019 Disponível em <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/7897> Acesso em 10 out 23